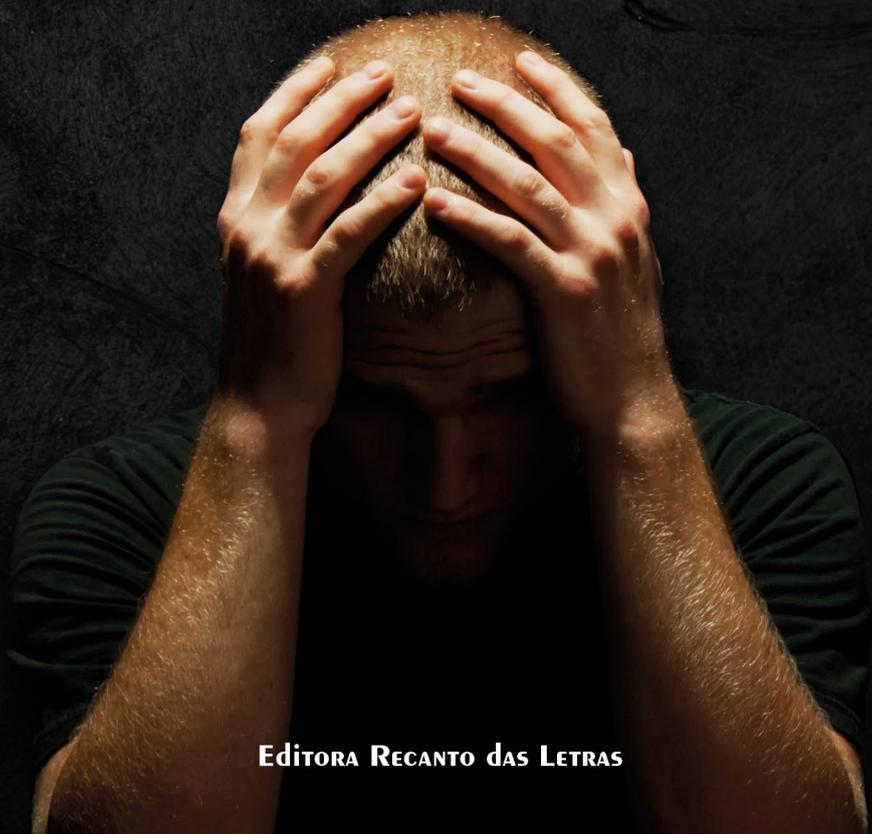


Miriam Cabelo

REFÉM DO PASSADO



EDITORA RECANTO das LETRAS

REFÉM DO PASSADO

Miriam Cabelo

**REFÉM DO
PASSADO**

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Miriam Cabelo

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Vasconcelos
Imagens: Depositphotos
1ª edição – junho de 2020

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cabelo, Miriam

Refém do passado / Miriam Cabelo. -- São Paulo :
Recanto das Letras, 2020.

76 p.

ISBN: 978-65-86751-06-2

1. Ficção brasileira I. Título

20-1856

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

AS DORES DE um passado cruel podem paralisar, podem machucar, podem apagar da memória toda uma história de vida. Que todas as crianças possam construir um futuro com lembranças leves e felizes como brincadeiras debaixo das chuvas de verão.

A autora

Dedicatória

GOSTARIA DE DEDICAR este livro ao melhor professor que tive nos bancos escolares. Este professor chama-se Hamilton Mastrodomênico, e ele era considerado muito rígido no ensino da língua portuguesa, porém, graças às palavras de incentivo que me falava, aprendi a amar os livros e a escrita.

Lembro-me bem de uma redação que o professor Hamilton nos solicitou, cujo tema era *A vida da cigarra como exemplo para o homem* e que usava a famosa fábula da cigarra e da formiga para pensarmos no exemplo do inseto cantante para o homem. Ele decidiu publicar minha redação no pequeno jornal da nossa escola, o qual se chamava *A voz do estudante*, e com uma introdução muito elogiosa a respeito de estilo. Essa edição do jornal foi publicada no dia 15 de dezembro de 1970, na época eu tinha 12 anos, e imaginem meu orgulho ao ver publicada uma redação minha no jornal da escola! Tenho um exemplar guardado com carinho até hoje!

Outrora, por ocasião do sesquicentenário da Independência do Brasil, seria apresentado um espetáculo de som e luz em frente ao Museu do Ipiranga, em São Paulo, com vozes de vários artistas simulando todo o processo anterior à Proclamação. Eu e mais alguns colegas de várias classes fomos escolhidos para irmos a São Paulo assistir a esse show e visitar o planetário e o zoológico, acompanhados de alguns professores, entre eles o professor Hamilton. Ele teve uma ideia maravilhosa na época: reproduzir na nossa escola o espetáculo que vimos na capital,

através de *slides* de figuras da História com vozes dos alunos, e eu fiz a voz da Imperatriz Leopoldina. Foi um sucesso!

Por isso e muito mais, hoje sou muito grata a este professor, que talvez não faça nem ideia de tudo que proporcionou à minha vida de menina muito pobre, a qual um simples elogio ou palavra causavam uma imensa felicidade. Eram outros tempos, não tínhamos televisão, nem computadores, nem celulares, os livros eram meu refúgio e minha diversão, graças a eles consegui ver a vida com mais leveza, pois nada era fácil.

Muito obrigada, professor Hamilton Mastrodomênico. Você sempre terá um lugar muito especial em meu coração!

Sumário

Prefácio	11
Capítulo 1: José	13
Capítulo 2: Francisco	15
Capítulo 3: Nanci	17
Capítulo 4: O acaso	21
Capítulo 5: O início	23
Capítulo 6: Luta e trabalho	25
Capítulo 7: Antônio	27
Capítulo 8: Márcia	31
Capítulo 9: Conflitos	33
Capítulo 10: Expectativa	35
Capítulo 11: O encontro	37
Capítulo 12: Pesadelos reais	41
Capítulo 13: Enfrentar a dor	45
Capítulo 14: Pedido de casamento	47
Capítulo 15: Dias sombrios	49
Capítulo 16: O chamado	51
Capítulo 17: Vida seguindo	53
Capítulo 18: Voltar a viver	57

Capítulo 19: O casamento	61
Capítulo 20: Os gêmeos	63
Capítulo 21: Adeus, Dona Marcela	65
Capítulo 22: Vida que segue	67
Capítulo 23: Geraldo	69
Capítulo 24: Revelações	71

Prefácio

DESDE O APRENDIZADO das primeiras letras, apaixonei-me pela leitura e escrita. O primeiro livro que li, *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, abriu em minha vida um novo universo que me fazia viajar e sonhar com novas possibilidades. Depois vieram Agatha Christie e Sidney Sheldon com seus livros de suspense e sempre com finais surpreendentes, depois *O retrato de Dorian Gray*, um clássico de Oscar Wilde, e *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, que acabei lendo meio que por obrigação para fazer um trabalho de escola que era em grupo e que ninguém quis ler, mas acabei me encantando com a história de amor proibido entre Riobaldo e Diadorim. Mais tarde, como sócia do *Clube do Livro*, devorei livros de suspense e terror, meus favoritos.

Durante toda a minha vida, alimentei este sonho: escrever um livro. Só que minha imaginação e minha vida de bancária não combinavam. Alguns anos atrás, já aposentada, resolvi escrever um conto. Queria escrever uma história muito brasileira, com personagens de nomes brasileiros, problemas bem brasileiros e linguagem bem simples que pudesse ser lida e entendida até por crianças. Assim, fui escrevendo, inventando personagens, porém tinha vergonha de mostrar a alguém e mais ainda de publicar. Passaram-se mais alguns anos, então pensei melhor: por que não? Desse modo, resolvi publicar a história de José, Francisco, Antônio, Márcia, Nanci e outros cujas vidas vão se entrelaçando capítulo a capítulo. Trata-se de personagens fictícios, claro, e de simplesmente um conto bem brasileiro sem nenhuma pretensão a não ser entreter leitores simples, sem filtros de regras ou palavras difíceis. Simplesmente um sonho de menina.

Capítulo 1

José

— ACORDA, MENINO! ACORDA, levanta!

José abriu vagarosamente seus olhos e, com a visão ainda turva, conseguiu vislumbrar dois olhos de um profundo azul, num rosto de um senhor de meia-idade cujos cabelos já grisalhos estavam um tanto escondidos sob um grande chapéu.

— Vamos, menino, levanta! O que você está fazendo deitado aqui a esta hora da manhã? De onde você veio? Quem são seus pais? Como chegou até aqui? Qual é o seu nome?

José estava atordoado, não conseguia coordenar as ideias, não conseguia sequer entender o que aquele senhor magro de olhos azuis estava lhe perguntando, só estava muito cansado, sedento e faminto.

— Vamos, menino, vamos para dentro de casa, venha tomar um café, comer alguma coisa. Pelo jeito, você está com muita fome, mas depois você vai ter de me contar o que veio fazer, quem são seus pais e como chegou até aqui.

José mal conseguia andar, tal seu cansaço. Entrou, sentou-se, devorou um pão com manteiga como quem não come há muito tempo, tomou um copo de leite quente e ficou olhando amedrontado para aquele senhor com aparência tão bondosa que José chegou a pensar que tinha morrido e se encontrado com Deus.

— E aí, menino, agora que matou sua fome e sua sede, conta pra mim: o que estava fazendo dormindo na grama de meu sítio, sozinho? O que o trouxe a estas paragens?

José balbuciou:

— Não sei, senhor. Não consigo me lembrar de nada, só me lembro de meu nome: José. E mais nada. Não sei de onde venho, não sei por que estou aqui.

— E seus pais? Você também não se lembra deles?

— Não, senhor, não consigo me lembrar de nada.

— Menino, você não está mentindo? Você fugiu de sua casa porque aprontou alguma coisa e não quer me contar?

— Não me lembro de nada, senhor, só consigo me lembrar de meu nome.

— E o que vamos fazer, José? Quantos anos você tem?

— Não sei, senhor.

— Deve ter uns onze, doze anos, mas vamos fazer o seguinte: hoje você vai descansar um pouco, vou arrumar uma cama, você toma um banho, descansa, e amanhã vamos ter de procurar alguma solução, seus pais devem estar aflitos lhe procurando. Meu nome é Francisco, mas as pessoas me chamam de Chico, vou mostrar-lhe o banheiro e o quarto, amanhã compramos uma roupa limpa na cidade.

José tomou um banho e deitou-se. Seu Chico ficou muito pensativo. Passaram-se algumas horas, Seu Chico ouviu gritos vindos do quarto onde José dormia e correu para lá. José estava sentado na cama, ofegante, disse que havia tido um pesadelo: ouvira uma mulher chorando e havia muito, muito sangue, mas não conseguira ver o rosto de ninguém, somente o sangue.

Seu Chico ficou muito penalizado com a situação de José e permaneceu ao seu lado enquanto dormia; o resto do dia e à noite José dormiu tranquilamente.

Capítulo 2

Francisco

FRANCISCO ERA UM homem solitário. Sua vida nunca foi fácil. Seus pais, Paulo e Maria, tinham um pequeno sítio e trabalhavam plantando laranjas e vendendo na cidade; tinham, também, alguns animais para seu próprio sustento, como vacas, galinhas e porcos. Francisco tinha duas irmãs mais velhas: Adélia e Diná. Quando Francisco tinha nove anos, Maria faleceu vítima de um câncer de útero; Adélia e Diná passaram a cuidar da casa e de Francisco, mas ele sentia muita falta do carinho de sua mãe e foi se fechando em sua tristeza; vivia pelos cantos, melancólico. Seu pai era um homem rude, também muito fechado, não conseguia demonstrar seus sentimentos por seus filhos.

Cinco anos depois da morte de sua mãe, sua irmã Adélia casou-se e mudou-se para longe. Dois anos depois foi a vez de Diná, que também se casou e se mudou do sítio.

Francisco passou a viver só com seu pai, que o levava à escola de charrete na cidade próxima, e assim conseguiu concluir a oitava série. Na escola, era um menino muito quieto, introvertido, tinha poucos amigos e vivia no seu mundinho particular. O tempo passava muito devagar para Francisco, os dias e noites longos demais o faziam lembrar dos profundos olhos azuis de sua mãe, do seu beijo de boa-noite, do afago em seu cabelo e do cheiro de alfazema de sua colônia.

Quando Francisco tinha 18 anos, mais um golpe abalou sua vida: seu pai faleceu repentinamente vítima de um infarto. Novamente a solidão. Muito abalado, Francisco passou a frequentar a igreja católica da cidadezinha próxima, trabalhava o dia todo na plantação de laranjas, à tarde cuidava dos animais e, às sextas-feiras, ia para a cidade vender as caixas de laranja; aos domingos assistia às missas. E foi num desses domingos que Francisco conheceu Nanci.

“**V**amos, menino, levanta! O que você está fazendo deitado aqui a esta hora da manhã? De onde você veio? Quem são seus pais? Como chegou até aqui? Qual é o seu nome?” Este foi o interrogatório do solitário Francisco ao deparar-se com uma criança de onze ou doze anos adormecida em seu sítio.

Confuso diante de um estranho, a única resposta que o menino soube dizer foi seu primeiro nome, José. Ele não se lembrava de mais nada, tampouco de como foi parar naquele lugar. Era como se, ao despertar, sua memória tivesse sido totalmente apagada, e restasse apenas seu nome.

Francisco preparou um café para o garoto, que parecia faminto e cansado, deu-lhe abrigo e propôs-se a ajudá-lo, sem imaginar que sua vida mudaria a partir daquele dia.

A falta de memória acompanhou José. Um frequente pesadelo também, que insistia em tirar-lhe a paz. Havia uma mulher que gritava, um homem e... sangue! Quem seriam eles? Por que tal imagem insistia em repetir-se em suas noites de sono?

José cresceu sem amigos e adaptou-se à vida no campo, mas a falta de lembranças o mantinha preso ao passado desconhecido.

Será que algum dia conseguiria resgatar a memória de sua infância e encontraria a resposta para seus pesadelos?

